



JESSÉ ANDARILHO

ANTARES

Jessé Andarilho não gostava de livros até seus 24 anos. Porém, a partir do seu primeiro encontro com um, sua vida foi transformada pelas letras. No seu trajeto de trem da Zona Oeste do Rio até seu trabalho, no Centro, ele passou a usar seu bloco de notas do celular para contar as suas histórias. E, em 2014, publicou seu primeiro livro, “Fiel”, que em menos de um ano foi selecionado para compor o Catálogo da Feira de Bologna, a principal feira de literatura infantil e juvenil do mundo.

Jessé publicou seu segundo romance em outubro de 2017, chamado “Efetivo Variável”, e criou a Marginow, uma marca com a proposta de dar visibilidade aos artistas da periferia, reunindo as artes marginalizadas e inserindo-as no eixo central da nossa sociedade. Hoje, a marca possui projetos audiovisuais como o Poesia Marginow e faz saraus itinerantes em todo o Brasil, tendo passado também pelos EUA e Itália.

AMEBA

Jessé Andarilho

Não acredito na transformação das pessoas por meio da educação. A educação é uma ferramenta pra quem já decidiu mudar. É assim que penso.

Outro dia, um juiz mandou alguns menores infratores para a minha escola. Trabalho lá há quase 20 anos e o dia que eu encontrar esse senhor, terei uma conversa muito séria com ele. Como pôde? Quem ele pensa que eu sou? Essas pessoas têm que ir para um psicólogo, não para um professor.

Parece brincadeira, mas a coisa é séria. Cheguei à escola semana passada e tinha um aluno segurando um garotinho do segundo ano pelas pernas na rampa, lá em cima no terceiro andar. O menino estava pendurado de cabeça pra baixo enquanto o capeta o sacudia, gritando.

- Cadê meu dinheiro? Já falei que você tem que me dar uma grana todos os dias. Dá teu jeito, rouba da sua mãe, do seu pai, da sua avó...

Fui andando bem devagar para não assustar o capeta. Cheguei até a beira da sacada, segurei a outra perna do menino e puxei o garoto pra cima com toda força. Minha vontade era de pegar no pescoço do grandão e jogar ele lá de cima. Respirei bem fundo e falei.

- Você tem merda na cabeça? Quer matar o menino? Se eu pegar você perto dele, ou só olhando de longe, vou esquecer que sou professora daqui e vou te comer na porrada.

- Ê, tá maluca? Eu sou da favela. A senhora sabe quem é meu pai?

- Não sei e nem quero saber.

- Meu pai é miliciano!

- Pergunta pro seu pai se ele sabe quem é meu marido. E você, sabe de que favela eu sou?

- Ih. Cheia de marra.

- Cheia de marra? Você não viu nada. Seu pai vai gostar de saber que você fica bancando o x-9, falando pra todo mundo que ele é miliciano? Faça um favor pra você mesmo: se me encontrar na rua, troca de calçada.

Saí dali tremendo por dentro, mas fiquei encarando o maldito com sangue nos olhos.

Porque pra mim aquele garoto é um pivete, sim. Não é possível. Escola deveria ser somente pra quem quer. Não acredito nesse papo de educação para todos. Só se for para todos que querem estudar. Deus me livre dessas pestes.

Cheguei à minha sala bufando de raiva. Nunca tinha sentido algo daquele tipo. Sempre disse que ódio é uma palavra muito forte, mas senti aquilo mesmo. Ódio purinho.

Entrei na sala e outro anjinho começou a me estressar. Gabriel saiu pra ir ao banheiro e voltou dizendo que não ia sentar no lugar dele.

- O que foi dessa vez, Seu Gabriel?

- Não posso sentar na minha cadeira, fêssora!

- POR QUE VOCÊ NÃO PODE SENTAR NO SEU LUGAR, MENINO DE DEUS?

- Olha o que o Edmar desenhou na minha cadeira, tia.

Me aproximei, respirei fundo, olhei pra cadeira e falei:

- Não estou vendo nada demais aí. O que tem aí que vai te impedir de sentar?

- Olha bem, tia.

- Tia é a sua mãe. E ela é tia do seu primo.

Foi aí que alguém falou entre os dentes.

- É um piru, professora.

Olhei para ver quem estava falando, mas não reconheci a voz.

- Então você não quer sentar por causa desse desenho? Isso aqui não é piru nem aqui nem na China.

- É sim, fêssora! – disse Gabriel com os olhos cheios d'água.

- Que piru o quê? Seu piru é assim, Edmar? Se for, você deve estar doente. Isso não é piru. Já falei. E olha que já vi muito piru na vida e nunca vi um assim. ISSO AQUI É UMA AMEBA.

A turma toda começou a rir. Edmar quase caiu pra trás quando eu disse isso. Então, voltei para o quadro, caminhando lentamente, enquanto dizia...

- Troca de lugar com o Gabriel, Edmar. Agora você vai ser o guardião da Ameba. De hoje em diante, você sentará nessa cadeira todos os dias.

E assim foi aquele meu dia de trabalho. Saí de lá com os nervos à flor da pele. Cheguei no BRT e, pra piorar a situação, ainda me estressei com aqueles marmanjos que sempre ficam na porta da condução. Tanto lugar na frente e eles só viajam travando as portas, atrasando a viagem.

Cheguei na outra escola que é de EJA e não tive mais problemas. Gosto de trabalhar com os adultos.

Neles, sim, vale a pena investir meu tempo e minha paciência. Essas pessoas precisam estudar para melhorar de emprego. Se bem que estudei a vida toda e minha profissão está uma merda.

Antigamente era bem melhor. As pessoas respeitavam meu trabalho. Nunca pensei que um dia eu teria de comprar o material para dar aulas com parte do meu salário. Isso é um absurdo, mas fazer o quê? Se a gente não comprar, não tem. Então a gente acaba se sacrificando.

Enfim cheguei em casa. Tomei aquele banho gelado, esquentei uma gororoba no micro-ondas e sentei no sofá pra assistir a mais um episódio da série *La Casa de Papel*, na Netflix. Para falar a verdade, eu nem gosto muito dessas séries, mas como todo mundo tá assistindo, não quero ficar boiando na sala dos professores quando o pessoal começa a falar sobre o assunto.

Peguei no sono e, quando olhei pra televisão, estava tudo escuro. Ouvi um barulho na janela. Só podia ser o gato da vizinha, que vive perturbando meu juízo. Fui até a cozinha, enchi uma garrafa pet com água da torneira e fui andando na pontinha do pé. Bem devagar pra não fazer barulho. Dessa vez eu ia pegar aquele maldito na boa.

Abri a janela bem devagar. Procurei tudinho e não vi o bicho. Olhei pra baixo pela varanda e não tinha nada. Quando levantei minha cabeça, só escutei um barulho. Vi um vulto caindo. Olhei pra

baixo e lá estava ele. Nem se mexia. Pensei em ligar pra polícia, mas foi tudo tão rápido que nem deu tempo.

Desci as escadas. Minha mãe tem um sono muito pesado e não acorda com qualquer barulho. Passei pela cozinha, peguei uma faca de churrasco e abri a porta. Mas na hora que olhei para o chão, não tinha mais nada ali. Abri o portão pra ver se tinha alguém na rua. Por incrível que pareça, estava um deserto. Raramente aquela rua fica assim.

Fui para o outro lado da calçada, olhei pro segundo andar lá de casa e vi uma pichação bem em cima da janela do meu quarto.

Foi aí que entendi do que se tratava. Era só um maldito pichador. Não acredito que essa bagunça toda foi só por causa da pichação. Depois de um dia estressante como aquele, ainda ter de ser acordada por causa de um pichador.

Aquela imagem da pichação ficou na minha cabeça a noite inteira, nem consegui dormir direito. No outro dia saí de casa sem tomar café. Fui pra escola tentando pensar coisas boas para não fazer nenhuma besteira.

Cheguei na sala de aula e a cadeira da ameoba estava vazia. Achei até bom pra falar a verdade. Foi a primeira vez que não precisei gritar para explicar as matérias para aquela turma. Nem perguntei pelo Edmar, sei lá. Vai que ele aparece pra acabar com a minha paz.

A semana passou e, por incrível que pareça, comecei a sentir falta do Edmar. Perguntei por ele aos amigos mais chegados e me disseram que ele estava internado porque havia sofrido um acidente.

Peguei o contato da sua mãe na secretaria e fui até lá pra ver como o garoto estava. Nunca pensei que um dia eu iria me preocupar com aquela criatura. Confesso que fiquei com um pouco de medo de entrar na favela onde ele morava. Só ouvia coisas ruins sobre o lugar.

Desci do BRT e peguei um mototáxi até a casa dele. Fiquei com muito medo da polícia aparecer naquela hora. Sempre que via matérias na televisão sobre pessoas baleadas em tiroteio, me perguntava o que elas tinham que fazer na rua quando a polícia entrava. Mas, numa conversa rápida, o mototaxista me disse que a polícia entra todos os dias e as pessoas vivem todos os dias.

- É ali, tia. O Mazinho Zabo mora ali.

- Mazinho o quê?

- Nada não, tia. Eu falei que o Mazinho mora aqui. Chegamos. É três conto a corrida.

Paguei cinco reais e nem quis o troco. Chamei o Edmar no portão. Sua mãe me convidou pra entrar. A casa era bem humilde, mas bem limpinha. Tudo no seu devido lugar. O chão era daqueles antigos, com vermelhão. Tudo bem brilhando.

Sentei no sofá e Edmar veio todo sem graça na minha direção. Levantei e estendi a mão esquerda para cumprimentá-lo, já que a direita estava enfaixada junto ao seu corpo. E foi nesse momento que ele me abraçou e começou a chorar.

Sem saber o que fazer, fiquei imóvel. Achei que aquele ser humano nem tivesse coração, depois de tudo que ele aprontou comigo nos quatro anos que ele reprovou a sétima série. Só Deus sabe o que passei aquele tempo todo.

- Senta aqui, Mazinho. Posso te chamar assim?

- Sim, pode me chamar como a senhora quiser. Quero te pedir desculpas. Eu não sabia que a senhora...

- Não tem que pedir desculpas, garoto. Isso faz parte da sua idade. Um dia você vai ver que tudo isso é perda de tempo. Levanta a cabeça e encara a vida de frente. Quanto mais você aprender

agora, menos vai ter que trabalhar pesado no futuro.

- Eu sei, professora, mas não é isso, não. Eu queria te pedir desculpas por...

- Não vim aqui por causa disso. Me conta como foi que isso aconteceu. Todo mundo na escola está preocupado com você. O que o médico falou? Me fala tudo.

- Então, professora. O médico disse que não vou ficar com sequelas. Ele falou que eu dei sorte porque sou novo e parece que meus ossos vão se calcificar mais rápido. Ele mandou tomar gelatina e minha mãe fez um montão pra mim.

Enquanto ele falava sobre as recomendações médicas, um monte de pessoas chegava pra visitá-lo. Cada pessoa trazia alguma coisa. Muita fruta, bolo, chocolates. Pelo visto ele era bastante querido na favela. Ouvi alguém dizer que tinha uma turma que nem poderia entrar ali por causa de brigas entre facções, mas se arriscaram só pra ver o menino.

Não fiquei muito tempo. Vi que estava sobrando naquele mundo. Um dos amigos dele me ofereceu uma carona de moto até o BRT. Me despedi e disse que o esperava em breve na escola.

Alguma coisa mudou dentro de mim naquele momento. Como um aluno tão problemático, tão terrível na escola, poderia receber tanta visita em casa? Como ele pode ser tão querido em um lugar e hostilizado em outro?

Sai dali refletindo. Na hora que subi na moto, quando eu ia colocando o capacete, olhei para o portão da casa e vi uma pichação no portão. Eu nem tinha reparado quando cheguei, mas na hora de sair, aquela imagem me chamou a atenção.

No caminho até o BRT fui olhando para os muros e reparando nas pichações. Na hora que desci da moto, olhei para uma placa pichada e perguntei para o menino da moto que pichação era aquela.

- É Zabo, tia.

Agradei e não falei mais nada. Aproveitei que não ia ter aula para os alunos de EJA por causa da falta d'água na escola e fui direto pra casa. Fiquei uns 20 minutos olhando para a pichação em cima da minha janela. Parecia que eu estava hipnotizada. Minha mãe saiu no portão e perguntou o que eu tanto fazia ali parada.

- Nada não, mãe, só tô olhando uma coisa ali.

- Tá olhando aquela sujeira? Quando foi que picharam ali? Você não viu? Fica a noite toda na frente da televisão e não viu os marginais emporcalhando a nossa casa.

Morar com mãe é fogo. A minha acha que eu tenho que saber de tudo que acontece na casa. Não vê que a minha vida toda é só trabalho. Mas tem o lado bom: sempre que chego, tá tudo limpinho, comida feita e posso sair pra tomar uma cerveja com os amigos sem me preocupar com mais nada.

Passei o final de semana todo pensando na minha vida. Li até um livro. Já fazia um bom tempo que eu não lia nada, só as coisas da escola. A gente fica pensando nas matérias, em como fazer uma aula agradável com tão pouco recurso, e as coisas boas da nossa vida acabam ficando em segundo plano.

Na segunda-feira, voltei pra escola sem um peso nas costas. Parei de pensar nas coisas chatas. Foi a melhor aula que já dei em toda a minha vida. A cadeira da ameiba ainda estava vazia, mas estava ali, só esperando o seu guardião, assim como eu.
